



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CÂRDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 88-A, 2.ª
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. **Batalha** — Lisboa — Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaya, 124

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DE "A BATALHA" DO OPERÁRIO:

OBRIGADO!

Se alimentássemos dúvidas sobre os sentimentos de simpatia que o proletariado tem por *A Batalha*, essas dúvidas ter-se-iam dissipado agora absolutamente ante as carinhosas manifestações de afecto que de todos os pontos do país chegam a esta oficina, enviadas por numerosos agrupamentos sindicais e por multíssimas camaradas, a propósito do primeiro aniversário deste jornal. Manifestações essas, que profundamente nos comovem pela solidariedade que envolvem para com esta obra, que não é exclusivamente nossa, mas da organização operária, obra que não seria possível se os trabalhadores não lhe dessem como tem dado, o seu mais vivo interesse.

Se há alguns anos atrás nos dissessem que a organização sindicalista de Portugal havia de possuir em breve um diário absolutamente seu, nós, que aliás nunca cultivámos a filosofia do scepticismo, hesitaríamos em acreditar em tal, tantas eram ainda há um ano as dificuldades que se erguiam para a materialização de tal pensamento, dificuldades que agora quadruplicaram. E todavia *A Batalha* apareceu. *A Batalha* dobra o seu 1.º ano de existência, *A Batalha* firma-se, porque os obstáculos — grandes obstáculos — são vencidos pelo operário organizado, que tendo prestado ao seu órgão uma assistência permanente e larga, acaba de resolver, por intermédio dos respectivos organismos de resistência, conforme notícias anteontem, criar uma cotização mensal a fim de habilitar *A Batalha* não só a viver uma vida desafogada, mas a voltar ao regime das quatro páginas, porque assim é necessário ao movimento sindicalista e à expansão desta folha.

Assim, *A Batalha*, ao mesmo tempo que, extremamente sensibilizada por tantas provas de carinho recebidas, vem assegurar ao proletariado que pode contar com ela como *A Batalha* com ele tem contado, dá-lhe a boa nova de que em breve deixará de estar sujeita a este regime de publicidade forçosamente restrito, que nos afoga brutalmente e nos impede de dar à matéria do jornal o desenvolvimento necessário, com os que todos sofrem; nós, que, à paginação, nos vemos em embargos inamovíveis, os organismos operários, cujas notas tem que ser necessariamente reduzidas e os leitores.

A BATALHA é saudada por muitos organismos sindicais, jornais e elementos operários do país

Temos sobre a nossa secretária uma montanha de cartas, ofícios e telegramas que a *Batalha* tem sido enviada por inúmeros sindicatos e outros agrupamentos operários do país, correspondentes e vários colaboradores deste jornal, saudando-nos entusiasmados, também em grande número as saudações de carácter individual, impossíveis de nos tornarmos, por virtude da falta de espaço, com que lutamos, reproduzir o texto de todas essas demonstrações de solidariedade.

No dia de ontem e durante a noite recebemos nesta oficina a visita de centenas de camaradas que individualmente nos vieram trazer palavras amigas, de comissões representando sindicatos e também numerosos grupos de grevistas, entre estes as gentis camaradas dos telefones, conforme dizemos noutro lugar, que, em comovidos termos, nos asseguraram a sua satisfação pela passagem do 1.º aniversário de *A Batalha*, indicando-nos a prosseguir nesta rude luta com o mesmo entusiasmo até agora revelado.

Nas nossas oficinas

Vejo a esta redacção uma comissão de ferroviários: Francisco Soares, Joaquim Rodrigues, André Diogo, Francisco Brás e José Alexandre da Silva, trazer as saudações à *Batalha*.

— Veio também uma comissão representante da Associação dos Litógrafos do Sul cumprimentar-nos pela passagem do 1.º aniversário deste jornal.

— Cumprimentaram-nos também o professor e alunos da escola diurna do Sindicato Único da Construção Civil.

— Igualmente o professor e alunos da escola noturna vieram a estas oficinas, fazendo o professor, em nome dos alunos, adultos na sua maioria, um pequeno discurso de saudação, que foi saudado pelo nosso camarada redactor principal.

Uma numerosa comissão de operários alfaiates, depois de terminada a assembleia de ontem, veio a esta oficina transmitir-nos as saudações da classe, entregando-nos a quantia de \$905, uma quantia ali aberta a favor de *A Batalha*.

— O camarada Amadeu Pinto Barbosa, operário extraordinário dos fôrforos, veio trazer-nos os seus cumprimentos.

— O Centro Comunista de Lisboa trouxe também a estas oficinas as suas saudações.

— O Sindicato Único Metalúrgico saudou também o jornal *A Batalha* pela passagem do seu primeiro aniversário.

— Os jovens sindicalistas Diogo Homénio Júnior e Virgílio Correa vieram também saudar-nos.

Recebemos, também, mais as seguintes saudações:

— Custódio dos Santos, pela Secção do Sindicato Único de Palma e Arrêdores; Edmundo Tavares, pela direcção da associação de Classe dos Empregados de Comércio; Alberto Dias, pelo Sindicato Único dos Operários da Construção Civil de Lisboa; Carlos Marques de Oliveira, pela Secção de Palma do Sindicato Único Metalúrgico; Custódio da Cruz, Joaquim Marques e Augusto Melo da Silva, das Caldas da Rainha; Corpo Secção do Grupo Dramático da Construção Civil; Marcelino Silva, pelo Conselho Técnico dos Sindicatos da Construção Civil; Maria do Patrocínio, Raúl Malva, Urbano Vidal, Aníbal Cruz, Guilherme Santos e Delim, participando ao mesmo tempo que contribuíam com a cota semanal de \$95; J. M. Ferreira de Castro, director do jornal *O Luzo*; Adriano Alves Oliveira; José Benedito, que contribuiu com \$100; José António de Mesquita, João Augusto Mendes, João Narciso da Costa e Vital Jorge de Sousa, pelo pessoal gráfico da Imprensa Moderna de Constantino & Tábora; Francisco Joaquim dos Santos, Armando Duarte, Manuel Quinto, João Pais, António de Oliveira, Manuel Fernandes, Carlos Montanha e Tiago Pinto, oferecendo a quan-

as saudações de "A Batalha" ao "Diário de Notícias"

Na *Batalha* de sábado a uns anos o *Diário de Notícias* de ter publicado artigos fazendo o jogo da Companhia Carris de Ferro, que queria a elevação dos actuais preços, o que não foi a efeito devido a uma enérgica campanha deste jornal. O *Diário de Notícias* convidou-nos a lealmente verificar as suas colecções, acrescentando que, sobre assuntos da Companhia Carris, apenas publicaria duas entrevistas, em Novembro de 1918. Aceitando a esse convite, um nosso camarada de trabalho foi ontem ao *Diário de Notícias*, sendo postas à sua disposição, pelo secretário da redacção sr. Acúrcio Pereira, as referidas colecções, a que faltava o número de 13 de Novembro de 1919. Depois do nosso camarada ter perguntado ao sr. Acúrcio Pereira se era ou não verdade ter o *Diário de Notícias* publicado nas últimas duas colunas da primeira página, em corpo 10, um artigo pago defendendo a Companhia Carris, o referido senhor respondeu afirmativamente, acrescentando que, no entanto, a 18 de Novembro do mesmo ano, publicou o *Diário de Notícias* uma entrevista com o sr. Alberto Tota, também sobre a questão dos eléctricos, em que esse vereador expunha a sua opinião.

Disto se conclui:

— Que o *Diário de Notícias* não tinha razão ao desafiar o *Século* ou quem quer que fosse a apontar nas suas colecções, desde 1 de Junho do ano passado, uma linha, uma frase, uma palavra que, de longe ou de perto, directa ou indirectamente, nas suas colunas e fora das suas actuais secções de publicidade comercial, possa considerar-se a defesa, encapotação ou clara, de qualquer negócio ou de qualquer empresa;

— Que o *Diário de Notícias* publicou nas duas últimas colunas da sua primeira página — um número que deve ser o de 13 de Novembro de 1919 — um artigo do género daqueles que pediram a *Batalha* que desse à estampa, em troca duma esportula que recusamos;

— Que a *Batalha* assistiu à razão na acção que contra o *Diário de Notícias* formulou no sábado último.

Parece, portanto, que não lançamos uma calúnia...

Um saltinho...

Vai ser publicado um decreto alterando o § 1.º do artigo 49.º do regulamento para o serviço de encomendas postais, na parte relativa às taxas para empacotamento das mesmas encomendas, passando a ser de 5 centavos, quando somente laceradas ou seladas, e de 12 centavos quando tenha de ser fornecido papel de embrulho, cordel e lacre de selos, para as acondicionar devidamente.

Malas do correio

Pelo vapor *Deseado* são hoje expedidas malas postais para S. Tomé e Príncipe, sendo a 9 horas a última tiragem da Caixa Geral.

operária no seu primeiro aniversário. — Santos Viçeu.

LISBOA, 23. — Não pode a Juventude Sindicalista Central deixar de saudar *A Batalha* pela passagem do seu primeiro aniversário. Vota a emancipação dos trabalhadores! — Diogo Homénio Júnior, secretário geral.

PORTO, 23. — Saudado a nossa querida *Batalha* pelo seu aniversário. — Santos Viçeu.

PORTO, 23. — Os operários da indústria têxtil, em luta, saudando a *Batalha* e prometem o seu auxílio.

COIMBRA, 23. — Pela passagem do 1.º aniversário de *A Batalha* saudamos-vos e fazemos votos pelas suas prosperidades. — Indústria Metalúrgica de Coimbra.

COIMBRA, 23. — Saudamos a *Batalha* de Coimbra, em reunião magna, saudando *A Batalha* pelo seu 1.º aniversário. — Ferreira.

Nas associações

Na Juventude Sindicalista

Como estava anunciada realizou-se ontem, promovida pela União das Juventudes Sindicalistas, uma sessão de homenagem a este jornal.

A sessão foi presidida pelo secretário geral daquela organização, tendo feito uso da palavra, delegados da U. S. P., da Juventude Sindicalista Central, Juvenidade de Palma e Arrêdores, Juventude Metalúrgica, Sindicato Único Metalúrgico, Federação Nacional da Construção Civil, e de outros que se sentaram a grande tribuna que a *Batalha* tem realizado em prol de robustecimento da organização operária, e demonstraram as actuações monetárias com que este jornal luta devido ao enorme custo do papel. Fizerao sentir a necessidade imprescindível que a classe trabalhadora tem em fazer os maiores sacrifícios para a manutenção e desenvolvimento do seu órgão na imprensa.

Em seguida fez uso da palavra o nosso camarada Francisco Cristó, que em nome da *Batalha* agradeceu as provas de interesse e dedicação que a mocidade sindicalista estava dando, nesta sessão, pelo órgão da CGT.

A sessão foi encerrada entre bastante entusiasmo, sendo levantados vivas à *Batalha*, a organização operária, à revolução social, etc.

Na Associação do Pessoal da Carris de Ferro

Como se anunciou, realizou-se ontem, na Associação do Pessoal da Carris de Ferro, uma sessão comemorativa do 1.º aniversário de *A Batalha*.

A sessão, presidida o camarada Cláudio dos Santos, secretário dos camaradas Carlos Inês e Rafael Assunção.

Fizeram uso da palavra os camaradas Vasco Luciano, José dos Santos e Mexander Assis, delegados da U. S. O.; Raúl Magalhães Continho, delegado dos Fogueiros de Mar e Terra; e José Augusto Marques e Carlos Fortes, da Associação do Pessoal da Carris.

Todos os oradores se referiram ao aniversário de *A Batalha*, exortando os presentes a fazer a máxima propaganda em prol do órgão do operariado português, dizendo ser necessário que o proletariado se compromete de que deve auxiliar o órgão para se manter, como até hoje, na defesa das suas reivindicações.

Referiram-se também as dificuldades que a *Batalha* enfrenta atualmente, apelando para a solidariedade de todos, de maneira a poder ter uma vida desafogada.

Alongaram-se em considerações sobre a organização operária, fazendo boa propaganda associativa.

O representante de *A Batalha* agradeceu as manifestações de apreço e saudou o pessoal da Carris de Ferro pela sua iniciativa.

OS FORÇADOS

A LIMPEZA DA CIDADE

OS VARREDORES

Clareia o dia. Uma viragem enregelada e húmida sacode o ambiente, e sob esse sópro vivificante, as últimas frangalhas do teneloso vão esconder-se de novo nas espeluncas.

A miséria e a dor não suportam a claridade. A não ser nas crições da revolta, não resistem ao ruído, ao movimento, à actividade, e é o que o sol atrai, é o que o sol incide, despertando, movimentando, distendendo.

Toda a cidade rumoreja.

As carroças coçam pesadamente nos pavimentos. Do rio sobem silvos pro-

tes, e lá correm os da vassoura, parando aqui, estacando acolá, como tropeçando, até ganhar a carroça que me-
espera, que segue sempre caminhando, multiplicando os caixotes aos portais, aumentando a faina...

Outras vezes, com curvas intermitentes, quando de corrida os da vassoura vão a erguer a pá para a esvariar no carroço, já outro varredor vem com uma barrica ou um algarid rachado, pleno de imundície, e como aquilo é feito aceleradamente, numa roda-viva automática, há choques: o lixo desliza-lhe pelo fato, pouppando-lhe a cara, porque disso se encarrega a parte mais subtil, mais pífida da lizarada — a poeira que encheu o mundo de editais apavorantes, e a eles, aos varredores, não os largando mais, arma-lhes pirraças aos olhos e à garganta.

No conflituoso dedalo das ruínas la-deirentas, o quadro, ao recolher o lixo, é bem uma resurreição do servilismo degradante dos forçados das galés.

O varredor, com o seu fardamento de presidário, um bonet de oleado, um número sobre a gola e uma fatiada de sarja — ao galgar a ladeira com o carinhoso de mão, atrai uma chuma de garotada imunda, que faz da sua rude tarefa um verdadeiro martírio de ré-probo maldito.

A's portas, mulheres ainda descompostas, cabelo solto e os braços nus, espantam com o pé, ao colocar os calxotes fora da porta, verdadeira legião de gatos e cães, como numa rua de Constantinopla. Ao verem os garotos insolentes, crianças que nunca conhecera-ram uma admoestação do pai, ou a capitivante censura da mãe, desbragadamente, essas mulheres, irrompem com apupos.

Enquanto à porta, porque o escuro da espelunca o não permite fazer no interior, vão alisando os cabelos e co-chicham gracinhas, os rapazes entram a apedregar, a pular, aos guinchos, como gorilas. E' neste ambiente hostil, onde as pedradas provocam risos alarves, como as gargalhadas da plebe diante dos autos de fé, que o lixo é recolhido para dentro da carrocinha.

A's vezes, não pára aqui o stúpido. Engendra-se uma apoplexia. Um desmundo do varredor, a apanhar um colchão podre, que enche um recanto de bichos repugnantes, e quando, açodado, longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

Nas ruas vai um formigar incessante. Biehas de trabalhadores, com o seu saquinho de farol suspenso; grupos bu-licosos de costureiras pálidas, esqueléticas, como se quisessem passar inco-loradas a uma profusão e a física, e sob esse ruído de passos, de apitos, de car-regas e de pregões, a cidade sacudida,

longados, haustos poderosos das chaminés dos barcos; e de terra, como num diálogo ciclopico, como numa sinfonia ao trabalho, os apitos, as sirenes e as sinetas das fábricas, enchem o ar de estridências, de estrugidos dolorosos e potentes.

A LIQUIDAÇÃO DA BURGUESIA

Quem deve ser o juiz?

OS POLÍTICOS? NÃO! O POVO!

OS BURGUESES? NÃO! O POVO!

Os corvos não grasnaram ontem; quem continuou no uso da palavra foi o velho bandoleiro da rua Formosa. Tem explicação o caso: um domingo cheio de sol, uma grande carícia em tudo, as almas tocadas pela luz que inundava as cousas. E, perante tanto sol, tanta carícia, tanta luz, os corvos, em cuja consciência reinam trevas eternas, tal qual os morcegos, aterrorisaram-se com a luz, emudeceram. Silva Graça é que continuou a falar, a falar sempre, embora na sua consciência não haja mais claridade que na dos seus inimigos. Ontem foi só ele a lançar lama aos inimigos e cobriu-os literalmente, renovando, ampliando, as acusações que anteriormente lhes fizera. Estamos misto. Os sclerados da Moagem forjam novas diatribes; Silva Graça, exímio na arte de acuar com ou sem razão, não se dá a qualquer repouso — sempre de páns mãos, retira da esterequeira enormes porções de porcaria que arremessa, sem hesitações, aos moageiros e ao empresário das *batatas*. Nele o ódio supera tudo; perante o desejo de desforra, perante o homem que se quer vingar, volatilisa-se o pai, o director do jornal, a criatura que tem conveniência em conservar umas aparências de honestidade. Fica só ele, o verdadeiro Silva, despoído de todos os artifícios, vindo com alegria renovarem-se os dias em que empocalhava Burnay, sem que ele ficasse mais limpo.

Fala ainda; é mesmo possível que seja o último a calar-se, porque os moageiros já despejaram muito ouro por essas redacções e começam vendendo o *negócio* lhes está saindo caríssimo. Preferem, talvez, afogar-se no *poço* do viscoso, a alargarem mais um pouco os cordões só para não ficarem inteiramente enlameados.

As acusações vindas a público são ultra-graves; a polícia tinha ensejo para intervir nesta sua questão. Mas quem tem autoridade, a dentro da sociedade burguesa, para julgar os reus confessos do crime enorme do envenenamento de alma e do corpo do povo português? Os políticos não são mais puros que a tribu Silva Graça & Rugeroni, e a tribu Fausto, Sousa & Reis. Tem, também, os seus negócios escuros, as suas perdidas, os seus crimes. E não são poucos! Se o edifício do *Século* e os covis dos moageiros estão a pedir uma vassoura colossal, também o *Terreiro* do Paço tem muita imundície que é preciso limpar.

Quem deve julgar os sclerados? Quem deve executar a sentença? O resto da burguesia, cheia de vícios, corrompida, caindo aos bocados? Também não. O juiz, o grande juiz de todos estes crimes, o instrutor do monstruoso processo, o executor da sentença, tem de ser o povo, tem de ser o proletariado, aqueles que estalam de fome enquanto os outros estalam de fartura! Só ele, só ele e mais ninguém. O proletariado é que com uma espingarda numa mão e uma vassoura na outra, tem de liquidar a canalha dourada.

No conflituoso dedalo das ruínas la-deirentas, o quadro, ao recolher o lixo, é bem uma resurreição do servilismo degradante dos forçados das galés.

O varredor, com o seu fardamento de presidário, um bonet de oleado, um número sobre a gola e uma fatiada de sarja — ao galgar a ladeira com o carinhoso de mão, atrai uma chuma de garotada imunda, que faz da sua rude tarefa um verdadeiro martírio de ré-probo maldito.

A's portas, mulheres ainda descompostas, cabelo solto e os braços nus, espantam com o pé, ao colocar os calxotes fora da porta, verdadeira legião de gatos e cães, como numa rua de Constantinopla. Ao verem os garotos insolentes, crianças que nunca conhecera-ram uma admoestação do pai, ou a capitivante censura da mãe, desbragadamente, essas mulheres, irrompem com apupos.

Enquanto à porta, porque o escuro da espelunca o não permite fazer no interior, vão alisando os cabelos e co-chicham gracinhas, os rapazes entram a apedregar, a pular, aos guinchos, como gorilas. E' neste ambiente hostil, onde as pedradas provocam risos alarves, como as gargalhadas da plebe diante dos autos de fé, que o lixo é recolhido para dentro da carrocinha.

